

A geopolítica russa em relação aos Estados Unidos nos anos 2000

Russian geopolitics in relation to the United States in the years 2000

ROSIANE MARTINS DOS SANTOS | rosiane.santos@pepi.ie.ufrj.br
Mestre e doutoranda em Economia Política Internacional/ PEPI-UFRJ

Recebimento do artigo Maio de 2017 | **Aceite** Agosto de 2017

Resumo O objetivo do trabalho é analisar a geopolítica russa nos anos 2000 após a chegada de Vladimir Putin ao poder. O trabalho aborda o período das presidências de Vladimir Putin e Dmitri Medvedev e irá expor a mudança substancial na projeção geopolítica da Rússia a partir dos anos 2000, passando pela fase de busca pela cooperação com os Estados Unidos, ao confronto indireto com este último, que foi marcado por uma mudança na retórica da Rússia em relação às ações norte-americanas no sistema internacional, sobretudo após as chamadas Revoluções Coloridas. Chegaremos até parte do que chamamos de confronto direto com os Estados Unidos, inaugurada com a Guerra da Geórgia, passando pela anexação da Crimeia e mais atualmente pela discordância entre as partes na questão da Síria. O trabalho também incorpora outros eventos, como a expansão contínua da OTAN e o projeto de instalação de escudos antimísseis balísticos na Europa Central pelos Estados Unidos, o que está ligado diretamente aos interesses russos. Pretendemos concluir na pesquisa que após os anos 2000, de acordo com os diversos movimentos geopolíticos dos Estados Unidos, a Rússia vem buscando uma maior projeção no sistema internacional, bem como reaver sua antiga esfera de influência dos tempos soviéticos para se restabelecer ao menos como uma potência regional. **Palavras-Chave** Rússia, EUA, geopolítica.

Abstract The aim of the paper is to analyze Russian geopolitics in the 2000s after Vladimir Putin came to power. The paper covers the period of the presidencies of Vladimir Putin and Dmitri Medvedev and will expose the substantial change in Russia's geopolitical projection from the 2000s, through the search for cooperation with the United States, to the indirect confrontation with the latter, which was marked by a change in Russia's rhetoric over US actions in the international system, especially after the so-called Color Revolutions. We will come to part of what we call a direct confrontation with the United States, inaugurated with the Georgian War, through the annexation of the Crimea, and more recently because of the disagreement between the parties on the Syrian issue. The paper also incorporates other events such as the ongoing expansion of NATO and the project of installing ballistic missile shields in Central Europe by the United States, which is directly linked to Russian interests. We intend to conclude from the research that after the 2000s, according to the various geopolitical movements of the United States, Russia has been seeking a greater projection in the international system, as well as recovering its former sphere of influence from Soviet times to at least as a regional power. **Keywords** Russia, USA, geopolitics.

Introdução

Após a dissolução do bloco soviético nos anos 1990, a abertura econômica e política da Rússia foi acompanhada por uma política externa bastante distinta daquela dos anos soviéticos. A Rússia independente, presidida por Boris Ieltsin, buscou se alinhar ao Ocidente não sendo capaz de retomar de imediato sua esfera de influência na região das ex-repúblicas soviéticas, ocasionando assim a criação de uma zona de segurança para ex-potência.

Esse quadro de busca quase unilateral de alinhamento e inserção no Ocidente e suas instituições, porém, se modificou com a chegada de Putin ao poder e com uma tentativa de reconstrução do Estado russo. Putin buscou de imediato a recentralização do poder na Federação Russa e a condução estatal da política econômica. Como será exposto ao longo deste trabalho, a posição geopolítica da Rússia também se alterou de acordo com o desenrolar dos fatos no sistema internacional, desde aqueles em que os Estados Unidos e a Rússia se confrontaram de forma indireta, como no caso das Revoluções Coloridas e aqueles em que o conflito passou a ser direto, como na Guerra da Geórgia em 2008, na Ucrânia em 2014 e atualmente com suas posições contrapostas na crise da Síria. Por fim, procuramos fazer um balanço dos fatos e defender o argumento de que nos dias de hoje a Rússia se configura como o principal alvo geopolítico dos Estados Unidos.

A chegada de Putin ao poder e o confronto indireto com os Estados Unidos

Em dezembro de 1999, Putin assumiu o cargo de presidente interino após a renúncia de Boris Ieltsin e, posteriormente, em 26 de março de 2000, foi eleito através do voto direto presidente da Federação Russa. Sua agenda de campanha tinha promessas de mudanças essenciais na inserção geopolítica da Rússia em relação aos anos 1990. Isto porque o bombardeio na Sérvia em 1999, que ocorreu sob forte oposição da Rússia e sem consulta ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, trouxe para o centro das discussões internas a questão da segurança internacional.

De imediato, Putin buscou internamente a recentralização do poder e a reafirmação de um projeto de desenvolvimento nacional. Reformas substanciais foram implementadas com o objetivo de recentralizar o poder que havia se dissolvido pelas regiões ao longo dos anos 1990. Desse modo, Putin conseguiu recentralizar as competências fiscais e econômicas (SAPIR, 2007). Setores estratégicos, como o de recursos energéticos e a indústria militar foram reestatizados e Putin tomou uma série de medidas políticas que pudessem unir os interesses nacionais, exercendo grande influência no Parlamento. As empresas reestatizadas passaram a ser usadas ativamente como instrumentos de política econômica, com uma estratégia que visava o aumento da participação do Estado nas empresas de energia, sobretudo nas mais importantes como a Rosneft e a Gazprom (SCHUTTE, 2011).

A reestatização dos setores energético e militar foi responsável por dar uma nova dinâmica à economia russa e à sua recuperação, depois da desastrosa política econômica dos anos 1990. De modo que a nacionalização das armas e da energia fez parte de uma estratégia central de política econômica do Estado russo (MEDEIROS, 2008). A tributação das exportações e matérias-primas (em particular gás e petróleo) gerou receitas fiscais para o Estado russo que permitiram o aumento do gasto público, a reorientação da economia, permitindo uma expansão do consumo e do investimento que garantiu a retomada do crescimento econômico (MAZAT & SERRANO, 2013). O Estado russo também se empenhou na construção de dutos e nas negociações de contratos de longo prazo com países consumidores de energia. Além disso, não houve a renovação de acordos de partilha de produção com as empresas Ocidentais na

maioria dos campos de petróleo mais lucrativos, como na Sibéria e no Extremo Oriente (TSYGANKOV, 2014).

A partir de então, graças ao crescimento da demanda internacional por recursos energéticos, bem como pelo aumento de seus preços internacionais, a energia tornou-se o esteio da economia russa e uma ferramenta potente na sua política externa. Um estudo sueco apontou que entre 1991 e 2006, a Rússia usou o comércio de energia para fins políticos em cinquenta e cinco ocasiões (OLDBERG, 2011), nesse sentido haveria uma continuidade na adoção de algumas medidas entre os anos 1990 e 2000.

O combate ao separatismo na Chechênia, importante produtora de petróleo, também esteve no centro das questões do novo governo. A declaração de independência da Chechênia ocorreu em 1991 e depois disto duas guerras se seguiram, em 1994 e 1999, de modo que na entrada dos anos 2000, quando Putin assume a presidência da Federação Russa, o conflito persistia e o país foi alvo de uma série de ataques terroristas por parte dos separatistas chechenos.

A posição favorável da Rússia aos Estados Unidos nos primeiros anos de Putin

Quando os Estados Unidos sofreram os ataques terroristas em 11 de setembro de 2001, o presidente Putin prestou solidariedade aos norte-americanos e apoiou logo em seguida a invasão do Afeganistão e a chamada luta norte-americana de guerra ao terror, aprovando resoluções no âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas e fazendo parte da coalizão antiterrorista internacional. Putin foi o primeiro chefe de Estado a fazer um telefonema para o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, após os ataques e também realizou uma reunião de emergência algumas horas depois dos atentados aos Estados Unidos, iniciando rapidamente consultas com os países ocidentais e com os países-membros da CEI.

Esse foi um breve período em que as relações entre os dois países foram mais cordiais. A Rússia apoiou abertamente a ofensiva militar norte-americana contra a al-Qaeda e o Talibã e auxiliou na intervenção do Afeganistão facilitando o acesso dos Estados Unidos as bases aéreas da Ásia Central, o que teve relevante importância para a realização de ações no território afegão (KANET, 2011). Em outubro de 2001, Putin declarou à imprensa que o secretário russo do Conselho de Segurança das Nações Unidas, Vladimir Rushailo, estava tendo uma série de conversações e consultas intensivas com os parceiros da Rússia na Ásia Central¹. Rushailo chegou a visitar os países da região sob instruções de Putin. Além disso, Anatoly Kvashnin, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Rússia, visitou o Tadjiquistão, onde se reuniu com o porta-voz da Aliança do Norte do Afeganistão, grupo opositor ao regime Talibã².

A Rússia também se posicionou pró-ocidente nas questões nucleares da Coreia do Norte e do Irã discutidas no Conselho de Segurança. Ou seja, o governo do presidente Putin não tinha um caráter automático de contraposição às ações dos Estados Unidos e dos principais países europeus, mas suas posições foram pautadas em elementos materiais que buscavam a contenção da Rússia mesmo com o fim da Guerra Fria.

A partir de 2002, começaram a aparecer sinais de deterioração nas relações. A Rússia foi contra a intervenção dos Estados Unidos no Iraque, significando umas das primeiras baixas nas relações bilaterais desde os ataques de 11 de setembro de 2001.

1 Site oficial do Kremlin. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/40050>

2 Idem.

O confronto indireto: as tentativas de desestabilização ocidentais com as Revoluções Coloridas e a continuação da estratégia de cerco

As Revoluções Coloridas ocorreram na Sérvia (2000), na Geórgia (2003), na Ucrânia (2004) e no Quirquístão (2005), todas em países que à época possuíam governos pró-Rússia. Foi no contexto destas revoluções umas primeiras mudanças na retórica da política externa da Rússia sobre o Ocidente, uma vez que o sucesso dos levantes tenha se materializado em uma baixa na influência da Rússia nos países onde ocorreram.

O governo russo as interpretou como uma tática para justificar intervenções dos Estados Unidos e da Europa nestes países e concluíram que os processos acabaram por prejudicar e não contribuir na manutenção das instituições e da estabilidade dos Estados (CORDESMAN, 2014). Posteriormente, Putin declarou que as Revoluções Coloridas serviram de exemplo pra Rússia e ressaltou os instrumentos geopolíticos envolvidos. Embora a primeira demonstração de força da Rússia no sistema internacional depois da dissolução da União Soviética tenha sido em 2008 na Geórgia, as chamadas Revoluções Coloridas, ocorridas entre 2000 e 2005, já acenderam uma alerta no governo russo e uma mudança na retórica da política externa russa, quando vai ficando mais claro o objetivo de contenção da Rússia pelos Estados Unidos.

Esta mudança de retórica nos últimos anos tem sistematicamente chamado a atenção para a necessidade do restabelecimento de uma ordem internacional multipolar e este elemento está nos principais discursos tanto de Putin como de Medvedev. Em 2007, em discurso na Conferência de Munique sobre a segurança internacional Putin adotou um tom claramente contestador e assertivo:

A estrutura desta conferência me permite evitar a polidez excessiva e a necessidade de falar com rodeios e termos diplomáticos agradáveis, mas vazios. O formato desta conferência me permite dizer o que realmente penso sobre problemas de segurança internacional (...).

Considero que o modelo unipolar não só é inaceitável, mas também impossível no mundo de hoje (...) Mas porque – o que é ainda mais importante – se trata de um modelo imperfeito por não possuir os fundamentos morais que regem a civilização moderna.

Fonte: Site oficial do Kremlin. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. (tradução nossa).

O presidente Putin, na mesma ocasião, também fez uma crítica aberta aos Estados Unidos e suas ações militares:

Ações unilaterais, e frequentemente ilegítimas, que não tem solucionado qualquer problema. Além disso, causaram novas tragédias humanitárias e geraram novos focos de tensão (...).

Atualmente somos testemunhas do uso desmesurado, e quase incontido, da força nas relações internacionais – da força militar – força que está mergulhando o mundo num abismo de conflitos permanentes(...)Verificamos que existe cada vez

maior desprezo pelos princípios básicos do direito internacional. E normas legais independentes estão, como matéria de fato, a tornando-se cada vez mais próximas ao sistema legal de um determinado Estado. Um Estado e, naturalmente, em primeiro lugar os Estados Unidos, ultrapassou suas fronteiras nacionais de todas as maneiras. Isto é visível no modo como impõe regras às outras nações nos domínios económico, político, cultural e educacional. Bem, quem é que gosta disto? Quem está satisfeito com isto?

Fonte: Idem

Por fim, Putin abordou questões particularmente relacionadas à segurança da Rússia e o papel que os Estados Unidos desempenham através da OTAN e de sua expansão:

Penso que é óbvio que a expansão da OTAN não tem qualquer relação com a modernização da própria Aliança ou com a garantia da segurança na Europa. Pelo contrário, representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua. E temos o direito de perguntar: Contra quem se dirige essa expansão? E o que aconteceram às garantias que os nossos parceiros ocidentais fizeram depois da dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão hoje tais declarações? Ninguém se lembra delas sequer. Mas eu me permitirei recordar a esta audiência o que foi dito. Gostaria de citar o discurso do secretário-geral da OTAN, o Sr Woerner, em Bruxelas no dia 17 de Maio de 1990. Na ocasião ele afirmou o seguinte: “o fato de estarmos decididos a não colocar as forças da OTAN fora do território alemão, dá à União Soviética uma forte garantia de segurança”. Onde estão tais garantias?

Fonte: Idem

Por seu turno, a visão ocidental confere um caráter psicológizante às posições russas. Quando escreveu sobre a Nova Ordem Mundial pós-Guerra Fria, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger afirmou que era de extrema importância que os Estados Unidos administrassem a dissolução do ex-bloco soviético para que assim se evitasse que a Rússia retomasse suas pretensões imperialistas, pois, segundo Kissinger, “*os psicólogos podem discutir se há uma insegurança enraizada ou uma agressividade congénita*” (KISSINGER, 2012, p.767).

Condoleezza Rice também usou esse tipo de argumento quando tratou a crise da Geórgia. A ex-secretária de Estado dos Estados Unidos afirmou, em 15 de agosto de 2008, que “*Putin é orgulhoso e impulsivo e que todos deveriam se preocupar com o uso da força pela Rússia. Putin já estava provocando conflitos em outras partes separatistas da Geórgia*”³.

Estes tipos de abordagem ignoram a política que os Estados Unidos têm posto em prática desde o fim da Guerra Fria. A dissolução do bloco soviético não fez com que os norte-americanos abandonassem a política de contenção da União Soviética executada ao longo de toda Guerra Fria. Ainda em 1999, a Polónia, Hungria e a República Tcheca aderiram a OTAN, sendo assim os primeiros países que fizeram parte do Pacto de Varsóvia a se juntar a Aliança. Há uma forte simbologia para a Rússia nestas adesões. O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 1955 para fazer contraposição à própria OTAN.

Outra questão central na deterioração das relações entre a Rússia e os Estados Unidos é o projeto de instalação de um Escudo Antímísseis Balísticos na Europa Central, em projeto partir de 2008. Em resposta ao possível prosseguimento do projeto norte-americano, a Rússia reforçou laços com Cuba, Venezuela e a Lí-

3 Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2011/11/condoleezza-rice-warned-georgian-leader-on-war-with-russia/248560/>

bia, sendo todos Estados considerados hostis pelos Estados Unidos (OLDBERG, 2011). A questão da construção do escudo até os dias de hoje tem sido mais um ponto de conflito entre a Rússia e os Estados Unidos.

Em suma, a chegada de Putin ao poder foi marcada por uma mudança de paradigma no quadro político interno. Houve uma recentralização do poder na Rússia e o crescimento econômico foi guiado pelo Estado. Posteriormente, a posição geopolítica da Rússia foi se modificando conforme o desenrolar dos fatos no sistema internacional, aumentando sua projeção com o passar do tempo.

O confronto direto entre a Rússia e o expansionismo norte-americano

A intervenção da Rússia na Geórgia marcou a primeira demonstração de força do país no sistema internacional desde o fim da União Soviética. Para o escritor Vladimir Rukavishnikov, a mídia Ocidental interpretou no episódio da Geórgia que a Rússia havia então decidido se desfazer do uso do *soft-power* em favor do uso da força militar bruta (RUKAVISHNIKOV, 2011). Além disso, constata-se que desde o conflito entre a Rússia e a Geórgia, os líderes russos deixaram de simplesmente assistir o aumento da presença Ocidental em sua área de influência e passaram a agir dentro desta própria área (KANET, 2011). Para Ronald Asmus, um dos oficiais norte-americanos responsáveis pela concepção e implementação do alargamento da OTAN para o Leste, a guerra foi travada pela discordância da Rússia ao desejo da Geórgia de se alinhar ao Ocidente e não sobre questões particulares da Ossétia do Sul e da Abecásia (BERRYMAN, 2011). Ambas eram províncias separatistas com movimentos apoiados pela Rússia.

Em 2008, o exército georgiano invadiu a Ossétia do Sul sob aprovação dos Estados Unidos e da União Europeia, muito embora nenhum destes últimos tenha dispensado ajuda material e militar à Geórgia. Após a invasão da Ossétia do Sul, a Rússia declarou guerra à Geórgia e derrotou o exército georgiano muito rapidamente, reconheceu a independência da Abecásia e da Ossétia do Sul e concluiu alianças militares com ambas (OLDBERG, 2011). Ao fim do conflito, a principal sinalização da Rússia foi que o Sul do Cáucaso é uma região de seu interesse.

Uma vez que os Estados Unidos e a União Europeia apoiavam as reivindicações da Geórgia sobre os territórios, a reação do Ocidente em relação à intervenção russa foi bastante negativa. Os Estados Unidos e a União Europeia trataram o caso como uma “agressão da Rússia à Geórgia”. Posteriormente, uma comissão da União Europeia, após investigar as responsabilidades no conflito, concluiu que o país agressor foi a Geórgia, muito embora tenha considerado que o uso da força pela Rússia no conflito foi desproporcional⁴.

Os Estados Unidos buscam maior influência na região do Cáucaso, onde a Geórgia está inserida, pois procuram diversificar o abastecimento de gás da Europa. A construção do Traçado de Nabucco é um projeto com o objetivo diversificar as rotas de abastecimento de gás da Ásia Central para a Europa, sem que assim seja necessário que os gasodutos passem por território russo. No entanto, o projeto ainda não se materializou devido a não adesão dos países da Ásia Central, onde a Rússia tem reforçado sua influência, sobretudo no âmbito da Cooperação de Shanghai e da União Euroasiática. O objetivo de construção do gasoduto foi interpretado por Moscou como mais uma tentativa do Ocidente de dominação de recursos energéticos. Desde o início dos anos 1990, os Estados Unidos já abordavam a questão da diversificação das rotas energéticas. Por sua vez, a Rússia tem feito um esforço para aumentar o controle sobre o fluxo de petróleo e gás para a Europa, assinando novos acordos com os produtores da Ásia Central para expandir suas exportações de gás através da Rússia (KANET, 2011).

Zbigniew Brzezinski, que foi assessor de segurança do presidente Jimmy Carter, escreveu sobre

4 Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090930_georgia_russia_pu.shtml

a questão de diversificação das rotas de energia e sobre a administração do espaço territorial da antiga União Soviética em sua obra *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*, de 1997. Há um paralelo claro sobre o que Brzezinski escreveu sobre a questão geopolítica energética da Ásia Central e o projeto do Gasoduto de Nabucco:

It follows that America's primary interest is to help ensure that no single power comes to control this geopolitical space and that the global community has unhindered financial and economic access to it. Geopolitical pluralism will become an enduring reality only when a network of pipeline and transportation routes links the region directly to the major centers of global economic activity via the Mediterranean and Arabian Seas, as well as overland. Hence, Russian efforts to monopolize access need to be opposed as inimical to regional stability.
(Idem, p. 148-149)

Para Kissinger, no pós-Guerra Fria, a OTAN permanece sendo o principal elo institucional entre os Estados Unidos e a Europa e mesmo que no decorrer dos anos 1990 a Rússia não tivesse capacidade material e econômica de se empenhar em um ataque à Europa Ocidental, era preciso certa atenção, pois muito provavelmente a Rússia tentaria restabelecer seu antigo império.

Essas abordagens são bastante pertinentes para entender a política que os Estados Unidos vêm pondo em prática desde o fim da Guerra Fria: a insistência no empenho de contenção da Rússia e de como essa contenção deve ou deveria ser feita. Neste caso, os Estados Unidos deveriam ser os responsáveis pela administração do antigo território da União Soviética. Além disso, a retórica da política externa em relação à Rússia ainda é de crítica a um perfil “agressor” dos russos.

No início do mandato de Medvedev, os dois países falaram em um “reset” nas relações bilaterais e o então presidente russo se posicionou positivamente ao aceno de Obama, mas enfatizou a necessidade de igualdade e benefícios mútuos, reiterando que assim como os Estados Unidos, a Rússia possui uma importante responsabilidade nos assuntos mundiais (OLDBERG, 2011). Os dois líderes assinaram e ratificaram o Novo Start⁵, mas o reset nas relações falhou. Posteriormente, Medvedev afirmou ser de extrema dificuldade restabelecer boas relações com os Estados Unidos, sobretudo tendo em vista “a expansão sem fim da OTAN” (BERRYMAN, 2011).

Desde as recentes expansões da OTAN e das adesões à União Europeia, as relações da Rússia com estas organizações têm apresentado progressiva piora e há uma escalada de conflitos que incluem diretamente os Estados Unidos. Em 2006, antes mesmo do conflito russo-georgiano, o Conselho de Relações Exteriores do país divulgou um relatório em que lamentava a montagem de uma rivalidade entre a Rússia e o Ocidente e que a cooperação estava se tornando a exceção e não a regra nas relações (MANKOFF, 2009).

Nos dias de hoje, os Estados Unidos e a Rússia têm vários posicionamentos contrários em relação a outras questões internacionais. A Rússia se recusa reconhecer a independência do Kosovo em relação à Sérvia, ao passo que os Estados Unidos o fizeram imediatamente. Como vimos anteriormente no discurso do presidente Vladimir Putin na Conferência de Munique, em 2007, a Rússia não aprova a “guerra ao terror” dos Estados Unidos e afirmou que as ações norte-americanas tem demonstrado enorme desprezo pelo direito internacional.

A instalação de um sistema de defesa antimísseis na Europa Central atualmente tem estado no centro das questões conflitivas. No entanto, cabe ressaltar que os Estados Unidos ainda estão muito lon-

5 O Novo Start seguiu-se ao Start I e Start II, todos acordos sobre a redução de armas estratégicas. O Start I foi assinado em 1991, por Bush e Gorbachev e o Start II foi ratificado em janeiro de 1996 pelo Senado dos Estados Unidos e nos anos 2000 pela Duma, mas nunca entrou em vigor.

ge de ter a capacidade tecnológica de montar um escudo de tal natureza com um mínimo de eficácia. Porém, desde o programa Stars Wars no governo de Ronald Reagan, este é um projeto muito importante para o complexo industrial militar norte-americano, além de ser excelente arma diplomática, já que os Estados Unidos podem tratar este escudo como uma grande concessão e exigir alguma contrapartida tanto de aliados quanto da Rússia por simplesmente anunciar que irão instalar, adiar ou cancelar a instalação do escudo contra que, a rigor, ainda não existe.

A Rússia argumenta que os Estados Unidos abandonaram unilateralmente o tratado de 2001 que proibia o desenvolvimento e implantação de sistemas de defesa antimísseis. Por seu turno, os Estados Unidos afirmam que o sistema de defesa não tem a ver com a Rússia, mas com países como o Irã e a Coreia do Norte⁶.

Em 2014, o ano da anexação da Crimeia pelos russos, as relações da Rússia com os Estados Unidos foram adquirindo considerável piora. Obama chegou a declarar que os países do ex-bloco soviético não seriam “abandonados” pelos Estados Unidos e que Moscou sofreria um maior isolamento se mantivesse suas políticas na Crimeia. Em junho de 2014, Obama anunciou um plano militar para o Leste Europeu e afirmou que a Polônia nunca estará sozinha, assim como também não estarão os países do Báltico e a Romênia. Em Varsóvia, no dia 4 de junho de 2014, Obama afirmou: “*O dia dos impérios e das zonas de influência chegaram ao seu fim, os países maiores já não podem intimidar os menores e impor suas vontades com as armas*”⁷. Além disso, os Estados Unidos juntamente com a União Europeia uniformizaram sua agenda de sanções à Rússia.

O presidente Putin, em discurso⁸ após o referendo que anexou a Crimeia à Rússia, não só justificou a reincorporação do território ao seu país, mas aproveitou para criticar as ações dos Estados Unidos no sistema internacional. Para o presidente, as nações ocidentais estavam por trás do movimento revolucionário na Ucrânia sem, contudo, compreender as consequências desestabilizadoras deste próprio movimento (TSYGANKOV, 2014).

Putin afirmou que a Crimeia faz parte da história da Rússia⁹. De fato, a Ucrânia tem em torno de trezentos anos de associação histórica, étnica e cultural e econômica com a Rússia, além de uma fronteira de 1.576 quilômetros (BERRYMAN, 2011). Putin ainda afirmou que os Estados Unidos e a Europa participaram do golpe de Estado na Ucrânia e reconheceram o governo nascido no golpe, além disso, o presidente russo denunciou a ofensiva dos norte-americanos e europeus contra a Rússia. O extenso discurso de Putin¹⁰ após o referendo que decidiu pela anexação da Crimeia à Rússia, reitera a posição de Moscou em relação aos eventos da Geórgia em 2008. A Rússia não irá tolerar uma ofensiva do Ocidente para além de sua zona de segurança.

O avanço nas relações entre a China e a Rússia também pode se ligar ao papel que os Estados Unidos têm desempenhado no sistema internacional. A China busca com a Rússia diversificar seu abastecimento energético, uma vez que há presença de tropas militares norte-americanas na rota que liga o abastecimento de petróleo do Oriente Médio a China¹¹ e questões sobre a reivindicação do controle do Mar do Sul da China¹². Como a China se converteu em um dos maiores importadores de petróleo do mundo, os dois países podem estabelecer potenciais parcerias estratégicas.

6 Site oficial do U.S Department of Defense. Disponível em: <https://www.mda.mil/system/threat.html>.

7 Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/em-recado-a-russos-obama-diz-que-paises-do-ex-bloco-sovietico-nao-serao-abandonados/>

8 O discurso está disponível na íntegra neste link: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/34665/50-verdades-do-presidente-vladimir-putin-sobre-a-crimea.shtml>.

9 Até 1945, a Crimeia era uma república autônoma soviética e em 1945 foi transformada em um oblast da República Socialista Federativa Soviética da Rússia por Stálin. Na campanha de “desestalinização” feita por Krsuchev, a Crimeia foi transferida para a então República Socialista Soviética da Ucrânia.

10 O discurso completo do presidente Vladimir Putin pode ser lido na página oficial do Kremlin a partir do link: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/20603>.

11 O Estreito de Malacca é a principal passagem marítima entre os oceanos Índico e Pacífico. É uma das vias marítimas mais importantes do mundo e liga o mar de Andamão, ao norte, ao mar da China Meridional, ao sul.

12 As importações de petróleo da China passam pelo Mar do Sul da China, que hoje está sob o controle militar dos chineses, mas que tem sido reivindicado como uma área independente e de trânsito livre por alguns países, como Taiwan e a Indonésia.

O segundo ponto é a necessidade da China em modernizar seu Exército. Os chineses são sancionados pelos Estados Unidos e pelos países europeus na compra de armas sofisticadas desde 1988 (MEDEIROS & TREBAT, 2014). Assim, tem buscado a modernização na compra de armas da Rússia. Os dois países fazem parte da Cooperação de Shangai, que ainda inclui quatro países da Ásia Central, a saber, o Cazaquistão, o Uzbequistão, o Tadjiquistão e o Quirquistão. A organização, criada em 2001, previa originalmente a cooperação militar, no combate ao terrorismo e ao fundamentalismo religioso e também questões sobre o separatismo na região da Ásia¹³. Conforme assinalado por Fiori, a Cooperação de Shangai é “*uma organização de cooperação política e militar que se propõe, explicitamente, ser um contrapeso aos Estados Unidos e às forças militares da OTAN*” (FIORI, 2008, p. 51).

Em síntese, a Rússia possui nos dias de hoje o objetivo proclamado de aumentar sua influência internacional. Dentre estes objetivos mais importantes, está o controle da região da Comunidade de Estados Independentes, o que significa manter a OTAN o mais longe possível dessa esfera de influência. Um obstáculo que o Estado russo encontra na busca por esse objetivo é a visão que muitos países da CEI possuem da projeção da Rússia no sistema internacional: um poder ameaçador e não benevolente (BER-RYMAN, 2011).

O conflito entre os Estados Unidos e a Rússia se ampliou ainda mais com a guerra civil na Síria, que eclodiu a partir de 2011 e possui elementos bastante relevantes de caráter regional e estreita relação com as grandes potências do sistema internacional. A Síria está localizada no Oriente Médio, sendo assim assume especial importância para os países ocidentais pela sua posição geoestratégica, relativa às rotas que permitem o acesso e o abastecimento de recursos energéticos. Além disso, a Síria está no centro da luta contra os jihadistas e o terrorismo internacional, o que é uma questão relevante tanto para os Estados Unidos, quanto para a Rússia (RAMOS, 2013).

No plano regional, o conflito na Síria conta com dois atores importantes: a Arábia Saudita e o Irã, dois países opostos no sistema internacional. A Arábia Saudita possui posição alinhada com as políticas norte-americanas e de caráter pró-ocidente e é acusada de enviar dinheiro e armas para a oposição ao governo de Bashar al-Assad. Por seu turno, o Irã possui uma retórica de política externa anti-imperialista e anti-Estados Unidos, além de possuir relações promissoras com a Rússia. O Irã também presta forte apoio ao governo sírio com o envio de material bélico e tropas militares. A Turquia e Israel também se inserem nesse conflito, porém em menor grau. A Turquia é a favor da saída de Bashar al-Assad do governo da Síria e representa o poder da OTAN na fronteira ao norte do país. Por sua vez, Israel se utiliza da situação para criticar o Irã e seu programa nuclear (ZAHREDDINE, 2013).

A Rússia e a Síria possuem relações amistosas desde os tempos soviéticos. A exemplo disso e do interesse russo na região, está a instalação da base naval russa na cidade de Tartus, na Síria. O acordo sobre a instalação foi assinado em 1971, no período da Guerra Fria e, desde 2006, os dois países tem realizados conversações sobre a ampliação da instalação.

Os Estados Unidos, que passaram a ter presença ostensiva no Oriente Médio após a Segunda Guerra Mundial, defende a saída de Bashar al-Assad para pôr fim ao conflito, divergindo assim da posição russa de defesa do governo sírio.

Em novembro de 2015, durante uma coletiva de imprensa, Vladimir Putin acusou os Estados Unidos e seus aliados de financiarem o grupo radical autoproclamado Estado Islâmico¹⁴. Putin afirmou que os Estados Unidos enxergam a Rússia como adversário no sistema internacional, enquanto, ao invés disso, deveriam lutar conjuntamente para restabelecer a paz na Síria. Ainda nessa ocasião, Putin contestou de forma clara as ações dos Estados Unidos no Oriente Médio. O presidente russo afirmou que as

13 Conforme mencionado, são membros permanentes da Cooperação de Shangai o Cazaquistão, o Quirquistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão. E são países observadores a Mongólia, a Índia, o Irã e o Paquistão.

14 Disponível para exibição: <https://www.youtube.com/watch?v=AzQk-5g3-08&feature=youtu.be>

políticas ambiciosas dos Estados Unidos trazem consequências graves até mesmo para o próprio país e citou o caso do embaixador norte-americano morto na Líbia.

A Rússia muitas vezes usa como argumento, no caso da crise na Síria, a perda da legitimidade nas ações dos Estados Unidos no Oriente Médio. As atuações mais recentes na Líbia e no Iraque não foram capazes de estabilizar nenhum dos Estados. Em 23 de outubro de 2016, o presidente Putin, em entrevista ao jornal russo *Pravda*, mais uma vez relacionou o fracasso na resolução do conflito na Síria com o exercício de poder dos Estados Unidos:

Creio profundamente que parte da responsabilidade pelo que está acontecendo na região em geral e na Síria em particular cabe sobretudo aos nossos parceiros ocidentais, principalmente aos EUA e seus aliados, inclusive os principais países europeus. Você lembra como todos correram a apoiar a ‘Primavera Árabe’? Onde está todo aquele otimismo? Como terminou toda aquela boa vontade? Lembrem-se do que foram Líbia e Iraque, antes de esses países e suas instituições serem destruídas, como Estados, por forças dos nossos parceiros ocidentais? Certamente, aí não se tem exemplos de democracias, como hoje se compreende a palavra, e provavelmente lá era preciso e era possível influenciar a organização daquelas sociedades, a organização do Estado, a própria natureza dos regimes que lá havia. Mas seja como for, em todos os casos que se considerem, não havia naqueles Estados quaisquer sinais de terrorismo. Aqueles Estados não eram ameaça a Paris, à Côte d’Azur, não ameaçavam a Bélgica, nem a Rússia, nem os EUA¹⁵.

A questão no conflito na Síria, não tem implicações territoriais diretas nem para a Rússia e nem para os Estados Unidos, muito embora seu efeito desestabilizador poderia impactar diretamente a Rússia, devido à proximidade de seu território. O desenrolar do conflito tem demonstrado, sobretudo, que os dois países não têm conseguido chegar a um consenso sobre a organização do sistema internacional e suas relações de poder. A chegada de Donald Trump ao poder dos Estados Unidos também não significou um melhor entendimento sobre a questão e, em abril de 2017, os Estados Unidos realizaram ataques na Síria em resposta a um suposto uso de armas químicas por Assad e pela Rússia, o que não foi comprovado.

Considerações finais: a Rússia como alvo central da geopolítica dos Estados Unidos

Em nossa pesquisa compartilhamos dos argumentos de Medeiros (2004) no que tange a construção e o desenvolvimento de um “complexo-militar-industrial-acadêmico” nos Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial e de Hossein-Zadeh (2006) que aborda a questão de como este complexo adquiriu uma dinâmica distinta dos antigos impérios, quando ao fim dos grandes conflitos os níveis das forças de guerra voltavam a patamares normais.

Nos Estados Unidos, esse complexo é formado por mais de 80 mil empresas privadas que empregam um grande número de cidadãos e exercem uma grande influência na sociedade norte-americana por sua dimensão. Para Zadeh, neste novo tipo de empreendimento para a guerra, a paz no sistema internacional não é interessante, uma vez que não cria lucros e dividendos para tal setor. Neste sentido, os Estados Unidos precisarão sempre promover a expansão desse setor e isso se faz através da demanda

15 Disponível em: http://port.pravda.ru/russa/23-10-2016/41979-siria_putin-0/

por armas e material militar, bem como pela justificativa à sociedade norte-americana da necessidade de manter a níveis altos o orçamento de defesa. Dessa maneira, os Estados Unidos precisam que exista sempre um “inimigo” contra quem lutar.

De tal modo, depois dos fracassos nos empreendimentos militares no Oriente Médio e a perda de legitimidade nestas ações, a Rússia tem se tornado o principal alvo da geopolítica norte-americana. Assim, ações da Rússia no sistema internacional, bem como a mudança de sua retórica, têm em certo sentido aparecido como uma postura reativa às políticas dos Estados Unidos, sobretudo na sua esfera de influência.

Os Estados Unidos, ao longo dos anos 1990, prosseguiram no objetivo de expansão da OTAN, mesmo com o fim do Pacto de Varsóvia e da boa-vontade que os dirigentes russos demonstraram em relação ao Ocidente durante a presidência de Boris Ieltsin. Assim, desde então, tem cada vez mais se expandido às fronteiras da Rússia e de sua zona de segurança histórica. Além disso, os norte-americanos tem promovido constantemente um discurso que toma a Rússia como um país naturalmente agressor.

Na nossa concepção, esse objetivo tem ficado mais claro desde a influência que os norte-americanos exerceram nas Revoluções Coloridas, que culminou com a queda de governos pró-Rússia na Geórgia, na Ucrânia, na Sérvia e no Quirquístão. Muito embora a insistência na existência da OTAN e sua expansão ao longo dos anos 1990 por si só já dava claros indícios do desejo de contenção da Rússia. Nesse esforço, os Estados Unidos também se posicionaram em desfavor da Rússia na Guerra da Geórgia e na crise com a Ucrânia. Mais recentemente, têm direcionado à Rússia severas queixas em relação a sua atuação na Síria.

Em suma, desde o início dos anos 2000, afóra o apoio russo aos norte-americanos nos atentados de 11 de setembro de 2001, os dois países têm discordado em uma série de questões internacionais. Mas, é importante que se ressalte que a Rússia não se empenhou em iniciativas de expansão e ações militares sem que antes não tivesse sido ameaçada em sua própria zona de segurança. Nesse sentido, podemos indagar por que interessa aos Estados Unidos se expandir em direção as fronteiras da Rússia. Voltamos então ao argumento de Hossein-Zadeh e na necessidade constante que os norte-americanos possuem em manter empreendimentos militares. E, na nossa concepção, neste momento, a Rússia aparece como o principal alvo da geopolítica dos Estados Unidos.

Referências Bibliográficas

- BERRYMAN, J. Russia, NATO Enlargement, and “Regions of Privileged Interests”. In: KANET, R. *Russian Foreign Policy in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- BRZEZINSKI, Z. *The grand chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives*. New York: Basic Books, 1997.
- CORDESMAN, A. H. *Russia and the “Color Revolution”: A Russian military view of a world destabilized by the US and the West*. Center for Strategic and International Studies (CSIS), Washington, 2014. <http://csis.org/publication/russiaandcolorrevolution>
- CRANE, K. et al. *Russian foreign policy: sources and implications*. Arlington: Rand Corporation, 2009.
- ECKERT, D. (2004) *Le monde russe*. Paris: Hachette.
- FIORI, J.L. *A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul*. Revista Oikos, nº8, ano VI, 2007. p. 77-106.
- HOSSEIN-ZADEH, I. *The political economy of U.S. militarism*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- IZYUMOV, A. & KOSALS, L. (2011) *The Russian Defence Industry Confronts the Market: Findings of a Longitudinal Study*. Europe-Asia Studies, 63:5, 733-756.

- JUDT, T. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- KANET, R. From the “New World Order” to “Resetting Relations”: Two Decades of US– Russian Relations. In: *Russian Foreign Policy in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- LEÃO, R. P. F.; MARTINS, A. R. A.; NOZAKI, W. V. A ascensão chinesa e a nova geopolítica e geoeconomia das relações sino-russas. In: ACIOLY, L.; LEÃO, R. P. F.; PINTO, E. C. (Org.) *China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília: Ipea, 2011.
- LO, B. *Russia and the New World Disorder*. London: Chatham House & Washington; Brookings Institution, 2015.
- LOMAGIN, N. Medvedev’s “Fourteen Points”: Russia’s proposal for a New European Security Architecture. In: *Russian Foreign Policy in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- MANKOFF, J. *Russian foreign policy: the return of great power politics*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2009.
- MAZAT, N. & SERRANO, F. (2016) *A Macroeconomia da Federação Russa do tratamento de choque à recuperação nacionalista: uma interpretação heterodoxa*. Revista Tempo do Mundo, IPEA.
- MAZAT, Numa. SERRANO, Franklin. “A geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conflito”. In: ALVES, A. G. M. P (org.). *Orenascimento de uma potência: a Rússia no século XXI*. Brasil: Ipea, 2012.
- MAZAT, N. & SERRANO, F. (2013) A Potência Vulnerável: Padrões de Investimento e Mudança Estrutural da União Soviética a Federação Russa. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). *Padrões de Desenvolvimento Econômico (1950-2008)*. Brasília: CGEE.
- MEDEIROS, C. A. Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China. In: FIORI, J. L.; MEDEIROS, C. A.; SERRANO, F. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MEDEIROS, C. A. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, J. L. (Org.) *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MEDEIROS & TREBAT. *Military modernization in Chinese technical progress and industrial innovation*. Review of political economy, vol. 26.2014, 2, p. 303-324.
- OLDBERG, I. Aims and Means in Russian Foreign Policy. In: KANET, R. *Russian Foreign Policy in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- Pravda*. Disponível em: <http://port.pravda.ru/>
- RAMOS, C. F. de Oliveira. *A primavera árabe no Egito e na Síria: repercussões no conflito israelo-palestino*. Universidade de Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2013.
- ROUBINSKI, Y. *La Russie et l’OTAN: une nouvelle étape?* Politique Étrangère, Paris, v. 62, n. 4, p. 543-558, 1997.
- RUKAVISHNIKOV, V. Russia’s “Soft Power” in the Putin Epoch. In: KANET, R. *Russian Foreign Policy in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- SHLEIFER, A.; TREISMAN, D. *Why Moscow says no: a question of Russian interest, not psychology*. Foreign Affairs, New York, v. 90, n. 1, 2011.
- SEGRILLO, A. As relações Brasil-Rússia: aspectos históricos e perspectivas atuais. 2011. In: Alves, V., FREIXO, A., PEDONE, L., & RODRIGUES, T. *A política externa brasileira na era Lula: um balanço*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- SAKWA, R. *Russian Politics and Society*. Nova Iorque: Taylor & Francis e-Library, 2008.
- SAPIR, J. (2007) *Quel Bilan Économique pour les Années Poutine en Russie?* CEMI (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales): Document de Travail 07-1.

- SCHUTTE, G. R. A economia política de petróleo e gás: a experiência russa. In: ALVES, Andre Gustavo Pineli (org.). *Uma longa transição: Vinte anos de transformações na Rússia*. Brasília: IPEA, pp. 81-137, 2011
- SERGUNIN, A. *Explaining Russian Foreign Policy Behavior: Theory and Practice*. Stuttgart: ibidem-Verlag, 2016.
- Site oficial do Kremlin*. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/>
- TSYGANKOV, A. P. *Russia and the West from Alexander to Putin*. Cambridge University Press, 2012.
- TSYGANKOV, A. P. *Russia's Foreign Policy Change and Continuity in National Identity*. London: Rowman & Littlefield, 2016.
- TSYGANKOV, A. P. *The Strong State in Russia: Development and Crises*. Oxford University Press, 2014.
- ZAHREDDINE, D. “*A Crise na Síria (2011-2013): Uma Análise Multifatorial*”. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, *Conjuntura Austral* 4.20 (2013). p. 6.23